

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A Cinemateca com o Doclisboa: Cecilia Mangini
27 de Outubro de 2021

LA CANTA DELLE MARANE / 1962

um filme de Cecilia Mangini

Realização e argumento: Cecilia Mangini / **Texto:** Pier Paolo Pasolini / **Fotografia:** Giuseppe De Mitri / **Música:** Egisto Macchi / **Montagem:** Renato May / **Produção:** Documento Film / **Cópia:** em DCP, cor, versão original legendada em português e electronicamente em inglês / **Duração:** 10 minutos / **Estreia Mundial:** data não identificada / **Primeira exibição na Cinemateca:** 10 e 21 de Outubro de 2013, Ciclo “Tesouros de Bolonha – Homenagem à Cineteca di Bologna”.

IGNOTTI ALLA CITTÀ / 1958

um filme de Cecilia Mangini

Realização e argumento: Cecilia Mangini / **Comentário:** Pier Paolo Pasolini / **Fotografia** (16mm, cor): Marco Volpi / **Música:** Massimo Pradella / **Montagem:** Renato May / **Produção:** A. Carella (Itália) / **Cópia:** em DCP, cor, versão original legendada electronicamente em português e inglês / **Duração:** 12 minutos / **Estreia Mundial:** data não identificada / **Primeira exibição na Cinemateca:** 29 de Março de 2006, Ciclo “Pier Paolo Pasolini: O Sonho de uma Coisa”.

COMIZI D'AMORE '80 – PARTE 1 / 1982

um filme de Cecilia Mangini, Lino del Fra

Realização: Lino Del Fra / **Colaboração:** Cecilia Mangini / **Fotografia:** Giuseppe Pinori / **Som:** Luigi Tassi / **Montagem:** Roberto Martini / **Música:** Billie Holiday, Gerald Marks, Seymour Simons / **Produção:** Radiotelevisione italiana (Itália) / **Cópia:** em ficheiro, cor, versão original legendada electronicamente em português e inglês / **Duração:** 60 minutos / **Estreia Mundial:** data não identificada / Primeira exibição na Cinemateca.

Duração total da projecção: 82 minutos.

Os primeiros dois filmes desta sessão são bastante diferentes do terceiro e pertencem a períodos distintos da obra de Cecilia Mangini (no caso do último, também de Lino Del Fra), mas têm em comum a sua ligação a Pier Paolo Pasolini e o modo como se concentram num universo partilhado de questões e de personagens que enformam a obra de todos eles. Se **Ignoti Alla Città** (1958, o filme de estreia de Mangini) e **La Cantata Delle Marane** (1960) utilizam as palavras de Pier Paolo Pasolini como fundo poético para as imagens da explosão de energia associadas ao retrato de grupos de jovens rapazes que habitam os subúrbios da cidade de Roma, **Comizi d'Amore'80** (1982) inscreve-se declaradamente na continuação de um filme realizado por Pasolini cerca de vinte anos antes, que tinha esse mesmo título de **Comizi d'Amore** (1964) e interrogava o que, em meados dos anos sessenta, os italianos pensavam sobre a sexualidade na sua relação com o quotidiano. A estes filmes de Mangini que contam com textos de Pasolini poderíamos ainda acrescentar o magnífico **Stendali (Suonano Ancora)**, filme de 1960 que já mostrámos aqui, que aborda a questão da morte através da documentação de rituais fúnebres ancestrais.

Mas, independentemente desta colaboração tantas vezes citada que acontece antes do próprio Pasolini se tornar realizador, **La Cantata delle Marane** e **Ignoti alla Città** são também dois dos mais belos filmes de Cecilia Mangini, anunciando a força e o talento único de uma cineasta no modo como usa todas as possibilidades do cinema e da sua linguagem para exprimir uma visão do mundo muito particular. E é esta visão subjectiva do mundo que faz de Mangini um dos maiores nomes do cinema

italiano, e em concreto do documentário italiano, onde na década de cinquenta foi a primeira mulher a assumir a realização num momento em que vários outros realizadores experimentavam um “género” estimulado por políticas governamentais. Pensamos imediatamente nos documentários de Vittorio De Seta, que assinava os seus primeiros filmes de cariz mais etnográfico em meados dos anos cinquenta. Filmes que se centravam numa Itália tradicional e em desaparecimento, que a própria Mangini irá registar de modo extremamente pessoal, mas também no posterior De Seta, na sua transição para uma ficção de fronteira, em que revela muitos daqueles invisibilizados pela sociedade, filmes já mostrados na Cinemateca noutra ocasião. A obra de Mangini surgia assim lado a lado com a de De Seta e a de outros grandes realizadores italianos que, prolongando uma vertente realista, davam os primeiros passos num cinema de ficção, anunciando também a futura obra cinematográfica de Pasolini (o caso de **Accattone** é o mais evidente).

La Canta delle Marane e Ignoti alla Città, no seu duplo retrato dos jovens das periferias de Roma que parte do texto de *Ragazzi di Vita* (que Pasolini publica em 1955), na realidade não se adequam a nenhum género em particular, mas a um cinema-poesia que aborda questões controversas para uma sociedade em profunda mutação, o que se traduziu no destino destes mesmos filmes, ao darem a voz (e a imagem) aos marginalizados. Eximias obras de montagem, que apostam na transfiguração do real filmado, de ambos os filmes sobressai o profundo sentido do cinema de Mangini, em que o trabalho de montagem (realizado com a colaboração de Renato May) assenta numa inspirada combinação entre a música do vanguardista compositor italiano Egisto Macchi (que acompanha grande parte da obra de Mangini), os textos ditos em off, e a precisão e beleza das imagens registadas por uma cineasta com um profundo sentido fotográfico. Dos filmes sobressai também o carácter e o valor de presença daqueles que são filmados e a profunda empatia entre quem filma e quem é retratado, bem como a sensualidade e a beleza dos rostos e dos corpos dos jovens rapazes que Mangini nos devolve em todo o seu esplendor. São daqueles filmes para os quais as palavras parecem ficar sempre aquém da sua experiência numa sala de cinema, filmes que apelam sobretudo a outros filmes e à sua realização. No fundo são obras contagiosas que nos fazem sentir mais próximos da essência das coisas e da beleza do mundo. É essa a força do cinema de Mangini.

Comizi d’Amore’80 (1982) é uma produção para a televisão que apresenta características totalmente diferentes destes dois filmes anteriores. Dividido em três episódios, que apresentaremos ao longo dos próximos dias na Cinemateca, centrar-nos-emos aqui apenas na sua introdução. Habitualmente atribuído a Lino del Fra e a Cecilia Mangini (só o primeiro aparece creditado no genérico como realizador), **Comizi d’Amore’80** prolonga o já referido **Comizi d’Amore** de Pasolini ao procurar actualizar o inquérito que este havia realizado em meados dos anos sessenta. Percebemos mais claramente o propósito de todo o projecto se recuarmos ao próprio filme de Pasolini, que se conclui com constatação da ingenuidade de procurar um paralelismo entre a “Itália do milagre económico” e “o progresso a nível cultural e espiritual”. Mas também é importante contextualizá-lo historicamente, como o faz Alberto Moravia quando responde a Pasolini que uma das grandes virtudes desse primeiro inquérito sobre sexualidade, filmado ao estilo do “cinéma vérité”, é o vencer vários tabus. Prosseguindo o projecto de Pasolini, o primeiro episódio de **Comizi d’Amore’80**, que mostramos hoje, centra-se sobretudo nos mais jovens, voltando a inquiri-los sobre as mesmas questões relacionadas com a sexualidade, que serão confrontadas com outras questões e outras entrevistas ao longo dos episódios seguintes. Mas se **Comizi d’Amore’80**, na sua aposta num cinema directo baseado em entrevistas sobre a intimidade dos italianos, prolonga o projecto de Pasolini, prolonga também uma experiência anterior de Lino Del, que em 1969 filma **V.&V.**, obra centrada sobre um jovem casal que se confessa sobre a sua relação e o modo de ver o mundo, em que a sexualidade é colocada em relação directa com uma vontade de revolução política e social.